

SEMANA DE ARTE E SERVIÇO SOCIAL - ARTE E SAÚDE MENTAL: A IMPORTÂNCIA DE CUIDAR DA MENTE

LIMA, Millena de Farias¹
SOUZA, Cleverton Alves de²
SANTOS, Laila Ellen Pereira³
ALMEIDA, Leislayne Lima⁴
SILVA, Nauanne Ferreira⁵
ARANHA, Maria Lúcia Machado⁶

RESUMO: A Semana de Arte e Serviço Social (SEMASS) é uma atividade realizada pelo grupo PET Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde a sua primeira edição, em 2014. Consiste em um seminário que aborda temas relacionados ao curso de Serviço Social, articulando-os à arte. A VI edição da SEMASS, intitulada "Arte e saúde mental: a importância de cuidar da mente", constituiu-se em espaços de reflexões e debates sobre a saúde mental no Brasil, por meio de palestras, grupos de discussões e apresentações artísticas. Justifica-se pela importância do assunto e de sua abordagem articulada a temáticas pertinentes aos conteúdos discutidos em sala de aula, além de ser uma questão trabalhada pelo assistente social em alguns espaços sócio ocupacionais. A repetição da atividade anualmente deve-se também ao resultado positivo das edições anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Saúde Mental; Representatividade; SEMASS; PET Serviço Social.

ART AND SOCIAL WORK WEEK - ART AND MENTAL HEALTH: THE

¹ Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: millenadefarias@gmail.com

² Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: cleverton45@hotmail.com

³ Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: lailaellen12@gmail.com

⁴ Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: lelys.hi@gmail.com

⁵ Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: nanny_ferreira_@hotmail.com

⁶ Integrante do grupo PET Serviço Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).
E-mail: maluaranha10@gmail.com

IMPORTANCE OF MIND CARE

ABSTRACT: The Week of Art and Social Work (WASW) is an activity of teaching, research and extension, it has been carried out by PET Social Work group of Federal University of Sergipe (FUS) since 2014. It consists of a seminar which addresses topics related to the course of Social Work, articulating them to Art. The VI edition was constituted in a space for reflections and debates on mental health in Brazil, through lectures, discussion groups and artistic presentations, having the title "Art and mental health: the importance of mind care". It was justified by the importance of the issue and its articulated approach to themes relevant to the contents discussed in classroom, besides being an issue worked by the social worker in social-occupational spaces. The recurrence of the activity annually is also due to the positive result of previous editions.

KEYWORDS: Social Work; Mental health; Representativeness; SEMASS; PET Social Work.

INTRODUÇÃO

A Semana de Arte e Serviço Social (SEMASS) é uma atividade realizada pelo grupo PET Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde a sua primeira edição, em 2014. A VI SEMASS, intitulada "Arte e Saúde Mental: a importância de cuidar da mente", ocorreu de 05 a 07 de novembro de 2019, e constituiu-se em espaços de reflexões, discussões, apresentações artísticas e interação com acadêmicos, profissionais e comunidade externa.

A abordagem levou em consideração o processo histórico da Reforma Psiquiátrica, que faz parte da Luta Antimanicomial e da Reforma Sanitária. A partir das mudanças que tais movimentos proporcionaram nas relações sociais é que foi possível pensar e propor a inserção social das pessoas com transtornos mentais, haja vista que, anterior ao processo de luta por direitos humanos, esse segmento da população era colocado à margem da sociedade, sendo muitas pessoas aprisionadas em manicômios, nos quais existem vários relatos de condições subumanas de existência, além

da exclusão da convivência externa com familiares e comunidade.

Contudo, apesar das transformações provocadas por esses movimentos, observa-se que ainda há muito o que se fazer em relação à proteção social das pessoas com transtornos mentais. Verificou-se, no Brasil, em tempos não muito distantes, a manutenção de condições que desrespeitam direitos humanos.

Em 2004, uma inspeção nacional realizada nos hospitais psiquiátricos brasileiros pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil encontrou condições subumanas em vinte e oito unidades. Considerada uma das maiores vitórias feitas no país, o trabalho alcançou dezesseis estados e revelou que, de norte a sul do país, ainda prevalecem métodos que reproduzem a exclusão, apesar dos avanços conquistados com a aprovação de leis em favor da humanização das instituições de atenção à saúde mental e da consolidação de instrumentos legais comprometidos com os direitos civis dos pacientes psiquiátricos. (ARBEX, 2013, n.p.).

Quanto aos avanços, dentre as mudanças supracitadas, está o redirecionamento dos direitos, cuidados e tratamento das pessoas com transtornos mentais, por meio do processo de desospitalização e reinserção na sociedade através de serviços como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), as Residências terapêutica, entre outros. No entanto, nos últimos anos, a política de saúde mental brasileira, regulamentada pela Lei 10.216/2001, tem sido alvo de tentativas de retrocesso e retirada de direitos, historicamente conquistados. Exemplo disso foi a aprovação, em dezembro de 2017, da Resolução nº 32, que regulamentou a manutenção das vagas em hospitais psiquiátricos especializados, ampliação dos leitos das alas psiquiátricas dos hospitais gerais, financiamento das comunidades terapêuticas, reajuste do valor de diárias para internação em hospitais especializados, entre outros (BRASIL, 2017; PINHO; RIBEIRO, 2017), o que significa uma direção contrária ao que é defendido pela Reforma Psiquiátrica, de modo a colocar em risco um tratamento mais humanizado.

Sendo assim, o tema tem significativa importância, já que apesar dos direitos conquistados, há bastante desafios, incluindo-se aí a superação do preconceito e estigma social, ainda presentes no cotidiano. Além disso,

observa-se que transtornos relacionados à saúde mental têm se mostrado cada vez mais comuns dentro e fora das comunidades acadêmicas – a exemplo da depressão, ansiedade e a utilização intensa de medicamentos – bem como a temática ainda possuir uma discussão incipiente. Diante dessas questões, percebeu-se a importância de abordar o tema.

A VI SEMASS teve como objetivos: viabilizar a aproximação dos participantes com o debate sobre saúde mental, desmistificando preconceitos; possibilitar a reflexão crítica acerca da importância da arte no processo de tratamento da saúde mental; proporcionar troca de conhecimento entre discentes, docentes e profissionais sobre a temática proposta; estimular a utilização de inovações pedagógicas no âmbito do grupo PET, do curso de Serviço Social e de outros cursos da UFS; e dar maior visibilidade ao grupo PET Serviço Social na IES.

METODOLOGIA

A atividade foi realizada durante a VI Semana Acadêmico-Cultural da Universidade Federal de Sergipe momento em que a IES promove diversos seminários, palestras, debates, exposições, feiras etc., sobre múltiplos temas, envolvendo todas as áreas do conhecimento. A organização da VI SEMASS obedeceu aos seguintes procedimentos: elaboração da programação nos "Seminários Integrados de Orientação", formação de comissões para a execução das tarefas, definição e convite dos palestrantes e facilitadores, produção de material informativo e divulgação. O evento foi realizado em três dias: no primeiro dia ocorreu uma mesa de abertura intitulada: "Saúde Mental: Luta Antimanicomial e aspectos conjunturais na realidade brasileira", que contou com a presença de duas palestrantes e uma debatedora para a discussão de dois eixos: o primeiro eixo abordou a Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial, enquanto no segundo eixo foi discutido o panorama das políticas públicas em saúde mental; no segundo dia, houve grupos de discussão relacionados aos temas: Medicalização da vida, abordando a indústria farmacêutica, capitalismo e medicalização; Estigma Social, discutindo o estigma e violências no trato da loucura; Saúde Mental da Classe Trabalhadora, com o debate acerca do adoecimento de docentes e discentes

no ensino superior e as condições de trabalho e a consequência disso para a saúde mental, a individualização e naturalização do adoecimento e os seus impactos; e Arteterapia debatendo a simbologia. No último dia, aconteceu o sarau "Exercitando a mente" com o teatro "Vidas em Cena" do CAPS Jael Patrício de Lima, bem como apresentação de dança e música, e da exposição e venda de materiais artesanais produzidos pelos usuários de alguns CAPS do estado de Sergipe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade demonstrou o quanto o debate da temática tem sido incipiente nos últimos anos, dentro do curso de Serviço Social, e por isso a VI SEMASS trouxe importantes contribuições para o entendimento da conformação da Reforma Psiquiátrica, das Políticas Públicas e da Saúde Mental, de forma geral, que são próprias de um espaço sócio ocupacional que demanda bastante da intervenção do assistente social, tendo em vista que os direitos, historicamente conquistados, são seriamente ameaçados e que é esse profissional quem busca a viabilização do acesso dos usuários às políticas sociais. Ademais, o debate proporcionou uma análise da conjuntura atual do país no que diz respeito à saúde mental e ao retrocesso nos ganhos da Luta Antimanicomial.

A chamada "nova" política de saúde mental tem como principal objetivo atender aos interesses financeiros de proprietários de comunidades terapêuticas e hospitais psiquiátricos. Somente no ano de 2018, mais de R\$ 87 milhões foi destinado ao acolhimento em comunidades terapêuticas que atendem cerca de 20 mil pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de drogas no país. (CFESS, 2019, n.p.).

Contando com a presença de 120 pessoas, composta por professores, alunos, profissionais e comunidade externa, o evento proporcionou ricas discussões sobre a temática. Em sua mesa de abertura possibilitou a discussão acerca do processo da Luta Antimanicomial e Reforma Psiquiátrica, associada a outros contextos políticos da época, tal como o processo de redemocratização brasileira que, organizado pelos movimentos

populares, possibilitou a formulação da Constituição Federal de 1988. O movimento sanitarista e a 8ª Conferência de Saúde também foram destacados como marcos importantes na realidade brasileira.

Nesse espaço, também foi mencionada a importância de debater sobre o tema sem a criação de estereótipos e preconceitos, entendendo que as pessoas com transtornos mentais devem ter seus direitos e proteção “[...] assegurados sem qualquer forma de discriminação quanto à raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, opção política, nacionalidade, idade, família, recursos econômicos e ao grau de gravidade ou tempo de evolução de seu transtorno, ou qualquer outra.” (BRASIL, 2001, n.p.). Entendendo, assim, que os usuários das políticas públicas em saúde mental são cidadãos repletos de direitos, que devem ser tratados com dignidade, respeitando-se sua autonomia e liberdade.

Os grupos de discussão também foram momentos de extrema relevância, tendo em vista a possibilidade da troca de conhecimento e diálogo entre os participantes do evento. O debate em torno da medicalização da vida problematizou a relação entre a indústria farmacêutica e o capitalismo, ressaltando o incentivo à medicalização precoce dos indivíduos que devido aos “[...] avanços nas pesquisas farmacológicas, em conjunto com sua promoção comercial, criaram uma excessiva crença da sociedade em relação ao poder dos medicamentos, posicionando-os como elemento central na terapêutica, e não mais um adjuvante terapêutico. [...]” (BEZERRA, 2013, p. 21) e a falta de interesse no estímulo à pesquisa científica em torno da cura de determinadas doenças. Em paralelo, o diálogo construído em torno do estigma social desmistificou equívocos em torno da saúde mental, além de incentivar a denúncia de inúmeras violências sofridas pelos usuários no trato da loucura. O histórico dos manicômios também foi inserido nesse contexto.

No que diz respeito à saúde mental da classe trabalhadora, o debate teve como alvo o adoecimento, sobretudo, de docentes e discentes no ensino superior a fim de dar visibilidade a esse tema dentro da IES, haja vista a quantidade de professores e alunos que têm adoecido em função do ritmo incessante de produção acadêmica.

Neste contexto podemos citar os quadros ligados a ansiedade e depressão, que em alguns casos podem levar ao comportamento suicida. Para termos uma ideia, na Universidade de Brasília foram 114 suicídios de estudantes no período de janeiro a julho de 2018. Evans *et al.*, (2018) indica que 36% dos alunos de mestrado e doutorado sofrem de depressão moderada ou severa em comparação à 6% da população geral. Outra pesquisa da UFRJ de 2009 demonstra que 58% dos estudantes apresentam níveis médios e altos de estresse. Outro estudo nacional da ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) de 2016 informa que 30% dos estudantes de graduação em instituições federais do Brasil procuraram atendimento psicológico durante o período da formação. Tais pesquisas ainda indicam uma maior prevalência desse sofrimento em mulheres, pessoas negras, estrangeiras ou trans. Entretanto, ainda existe uma carência de pesquisas que possam delinear melhor tais aspectos como raça, gênero, idade, nacionalidade e classe [...]. (PEREZ; BRUN; RODRIGUES, 2019, p. 362-363).

As precárias condições de trabalho e as suas consequências para a saúde mental também foram problematizadas para que não se naturalizem situações de desrespeito à dignidade humana dentro do trabalho, tampouco culpabilizem o indivíduo diante do processo de adoecimento.

Por fim, a abordagem da arteterapia colocou-se como um contraponto à medicalização da vida, isto é, uma possibilidade de trabalhar a saúde mental de forma diferenciada, usando a arte como estratégia terapêutica distinta das convencionais. Esse processo possibilita a autonomia do sujeito no seu processo de cura e reconstrução social, tendo em vista que

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação. (COQUEIRO, VIEIRA E FREITAS, 2010, p. 860).

A possibilidade de tratar a arte e o seu universo simbólico dentro da universidade é um espaço rico e privilegiado de suspensão da cotidianidade, conforme salienta Barroco (2003), por exercitar capacidades criativas que o ser humano, por vezes, mantém adormecidas. Nas palavras de Coqueiro, Vieira e Freitas (2010, p. 862)

[...] a arteterapia tem possibilitado aos usuários a vivência de suas dificuldades, conflitos, medos e angústias de um modo menos sofrido. Configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Nota-se que há uma minimização dos fatores negativos de ordem afetiva e emocional que naturalmente surgem com a doença, tais como: angústia, estresse, medo, agressividade, isolamento social, apatia, entre outros.

No último dia da atividade, o sarau intitulado “Exercitando a mente” foi composto por apresentações de música e dança a fim de problematizar, através de manifestações artísticas, a temática da saúde mental. A apresentação teatral “Vidas em Cena” do CAPS Jael Patrício de Lima oportunizou a participação dos usuários da política de saúde mental no evento, já que além de atuarem também puderam desfrutar de um local de fala ao dialogar com os participantes acerca das suas experiências no processo de tratamento. Esse momento de encontro e troca entre discentes, profissionais e usuários foi muito rico, haja vida que aproximou a comunidade externa à Universidade, de modo a fazer com que os usuários sentissem parte desse coletivo, e sua importância na sociedade. Além disso, a performance dos atores e suas habilidades de adequação a diferentes cenários – levando em consideração que em determinados casos, por motivos de agravamento na condição de saúde, alguns dos integrantes do grupo não podem comparecer – e o uso da improvisação como importante estratégia para contornar imprevistos demonstram que as pessoas com transtornos mentais são completamente capazes de ocupar espaço, se desenvolver e se relacionar dentro da sociedade, o que prova que o isolamento vai na contramão do cuidado com a saúde mental. Por fim, neste dia, outros CAPS do estado também marcaram presença através da exposição e venda de materiais artesanais produzidos pelos usuários.

Observou-se a troca de conhecimentos entre os participantes foi bastante proveitosa, repercutindo positivamente na sua avaliação sobre a atividade. Alguns dos comentários apontaram a necessidade de mais discussão sobre o tema na academia, outros comentaram sobre a forma didática da metodologia adotada pelo PET, ainda houve quem argumentasse acerca da acertada escolha da temática do evento.

Compreendeu-se, portanto, que metodologia adotada na VI SEMASS foi adequada à consecução dos objetivos, vez que: incentivou o uso de manifestações artístico-culturais como recurso didático-pedagógico; aproximou os discentes a temáticas transversais ao curso de Serviço Social através de debates; melhorou o desempenho do trabalho em equipe e organização de eventos; ampliou o universo artístico-cultural dos bolsistas e demais participantes; fortaleceu a relação entre o PET, outros segmentos da IES, profissionais e comunidade externa; refletiu sobre a importância das manifestações culturais como processo histórico de diferentes segmentos humanos, relacionando-as à área de formação; aprimorou as competências comunicativas. Assim, a atividade foi avaliada positivamente pelos/as ministrantes, pelos bolsistas e pela tutora durante os "Seminários Integrados de Orientação", espaço onde todas as atividades são discutidas e avaliadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da atividade proporcionou análises críticas a respeito da importância da arte no tratamento da saúde mental e contribuiu para ampliar a compreensão sobre o debate do tema, tanto para os petianos que tiveram uma maior proximidade com a temática na construção da atividade, quanto para os participantes. Os questionários avaliativos aplicados durante o evento também demonstraram que os discentes classificaram positivamente a metodologia adotada na condução da atividade e os palestrantes/facilitadores que expuseram os conteúdos, sendo vistos como bastante relevantes e pertinentes à formação profissional. Além disto, possibilitou a transmissão de conhecimentos e discussões entre os discentes, docentes e profissionais a respeito da temática proposta.

A partir das discussões levantadas pela VI SEMASS, foi possível elucidar desafios na implementação da Reforma Antimanicomial no Brasil, em razão da sua formação sócio-histórica e da necessidade, ainda nos dias atuais, da desconstrução de uma série de preconceitos em torno da saúde mental. Ademais, o evento trouxe à tona a realidade do adoecimento de docentes e discentes nas universidades em função da sobrecarga de trabalho e dos prazos de leitura/escrita estimulados pelas instituições de fomento à

pesquisa, bem como o crescimento dos índices de depressão, ansiedade e suicídio nas IES. Percebeu-se que isso ocorre porque a solução posta na maioria das vezes para conciliar a vida acadêmica e a vida do trabalho é sacrificar a própria saúde (abrindo mão de noites de sono, momentos de lazer e sobrecarregando o organismo com medicamentos) para alcançar as metas de produção.

Com isso, ficou evidente que a medicalização da vida trouxe consigo o crescimento da indústria farmacêutica que está fortemente interessada no adoecimento da população nessa sociedade capitalista. Por isso, a atividade buscou dar visibilidade a tratamentos terapêuticos alternativos que ainda não têm seus benefícios amplamente divulgados (como a arteterapia, por exemplo), além de possibilitar a discussão de um tema que o Serviço Social não tem debatido com tanta frequência e trabalhar a interdisciplinaridade com áreas afins.

Desse modo, observou-se que os questionamentos e debates realizados durante as palestras se constituíram em um momento excepcional de aprendizado considerando a interação e curiosidade dos participantes. Verificou-se, portanto, que os objetivos propostos pelo grupo PET foram alcançados e que esses espaços se caracterizam como primordiais para ampliar conhecimentos teóricos e artístico-culturais sobre temáticas transversais ao Serviço Social e presentes na realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração, 2013. Disponível em:
https://app.uff.br/slab/uploads/Holocausto_brasileiro_vida_genoc%C3%ADdio_e_60_mil_mortes_no_maior_hosp%C3%ADcio_do_Brasil.pdf. Acesso em: 03 mar. 2020.
- BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BEZERRA, I. C. **Uso de psicofármacos na atenção psicossocial: sujeito, autonomia e corresponsabilização**. Fortaleza, 2013. Disponível em:
<http://www.uece.br/cmasp/dmdocuments/PDF%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20BIBLIOTECA%20COMPLETO.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- BRASIL, **Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001**. Brasília, 2001.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRASIL. Resolução Nº 32, de 14 de dezembro de 2017. **Ministério da Saúde Comissão Intergestores Tripartite**. Brasília, 2017 Disponível em: http://www.lex.com.br/legis_27593248_RESOLUCAO_N_32_DE_14_DE_DE_ZEMBRO_DE_2017.aspx. Acesso em: 03 mar. 2020.

CFESS. **CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL**. Saúde não se vende, loucura não se prende. CFESS Manifesta, Brasília: DF, 2019. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/2019-CfessManifesta-LutaAntimanicomial.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2020.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000600022&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 ago. 2020.

PEREZ, K. V.; BRUN, L. G.; RODRIGUES, C. M. L.; Saúde mental no contexto universitário: desafios e práticas. **Revista Trab. En(Cena)**, Palmas-TO, Brasil, 2019, v.4, nº 2, p. 357-365. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/download/8093/16182/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

PINHO, L.; RIBEIRO, M. C. Saúde mental: uma canetada não apaga 30 anos de luta. **Le Monde Diplomatique**, Brasil, 2017. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/saude-mental-uma-canetada-nao-apaga-30-anos-de-luta/>. Acesso em: 03 mar. 2020.

Recebido em:30 de maio de 2020.

Publicado em: 28 de outubro de 2020.